

As emoções envolvidas na mudança do ensino presencial para o ensino remoto: uma experiência dos alunos do triênio 2019-2021 do Colégio de Aplicação da UFV

The emotions involved in the transition from the face-to-face to remote teaching: an experience between the 19-21 triennium students from the UFV's Application College

Maria Eduarda Souza Hespanhol¹; Allain Wilham Silva de Oliveira²

RESUMO: Diante da pandemia de COVID-19, o processo de ensino-aprendizagem sofreu intensas transformações. Sendo assim, o presente trabalho propõe uma análise desse fenômeno a partir de um recorte da realidade dos alunos do triênio 2019-2021 do COLUNI, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa. O objetivo dessa pesquisa pautou-se em compreender, sob uma perspectiva emocional da Geografia, como se configura a escola remota, a resignificação em seus símbolos e experiências, bem como as implicações dessas mudanças na rotina de estudos e nos sentimentos dos estudantes. Para isso, utilizou-se a metodologia de grupo focal. Nesse caso, foram realizados quatro grupos focais, um por turma, cada um contando com a participação de seis estudantes do triênio 19-21 do COLUNI. A análise dos resultados mostrou um olhar muito carinhoso dos alunos em relação à escola presencial, sobretudo, em função da estreita relação com os colegas e professores, além da liberdade para aprender sobre assuntos que iam além da sala de aula. Assim, a não-presença desse espaço de vivência significou, também, a não-presença afetiva das emoções que eram travadas no colégio, de forma que, a escola online transformou completamente a relação dos alunos, implicando em novos sentimentos diante de uma dinâmica de estudos solitária que, para alguns, tornou-se menos interessante. Dessa forma, conclui-se que o processo ensino-aprendizagem vai além do conhecimento adquirido pelo contato com as disciplinas curriculares e suas rotinas de aulas, leituras e avaliações; ele depende, ainda, dos sentimentos. Por tudo isso, reafirma-se que uma escola de excelência e referência na educação vai além de uma estrutura física: é uma experiência memorável, repleta de afetos, símbolos e significados.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia; Ensino; Emoções; Escola;

ABSTRACT: With the COVID-19 pandemic, the teaching-learning process underwent intense transformations. Therefore, the present work proposes an analysis of this phenomenon from an excerpt of the reality of students from the 2019-2021 triennium of the Experimentation College of the University of Viçosa. The objective of the research is to understand, from the emotional point of view of Geography, how the remote school is configured, the redefinition of its symbols and experiences, as well as the implications of these changes in the study routine and in the students' feelings. For this, the focus group methodology was used. In this case, four focus groups were carried out, one per class, each with the participation of six students from the 19-21 triennium of COLUNI. The analysis of the results showed a very affectionate view of students in relation to the on-site school, mainly due to the close relationship with colleagues and teachers, in addition to the freedom to learn about subjects that went beyond the classroom. Thus, the absence of this housing

¹ Bolsista PIBIC-Junior, aluna do triênio 2019-2021 do Colégio de Aplicação/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: duda_hespanhol@hotmail.com

² Professor de Geografia do Colégio de Aplicação/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: allain@ufv.br

space also meant the lack of affective presence of the emotions that took place at school, which made the study dynamics lonely and less interesting. Thus, it is concluded that the teaching-learning process goes beyond the knowledge acquired through contact with the curricular subjects and their routines of classes, readings and assessments; it also depends on feelings. For all that, it is reaffirmed that a school of excellence and reference in education goes beyond a physical structure: it is a memorable experience, in which affections, symbols and meanings are found.

KEYWORDS: Pandemic; Teaching; Emotions; School;

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Pesquisar o cotidiano é desvendar as minúcias e as entrelinhas das relações socioespaciais. Então, um desafio é colocado neste trabalho: como entender o “chão da escola” e, de que forma as emoções e os processos configurados nesse lugar-território (SERPA, 2021) foram alterados com a pandemia e a consequente necessidade de ensino remoto? Para isso, o presente texto se propõe a analisar as experiências dos alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (COLUNI) e, a partir disso, compreender as nuances que determinaram a relação dos estudantes com a produção do espaço escolar em regime presencial e, posteriormente, no ensino à distância. Assim, cabe, primeiramente, uma contextualização a respeito do espaço escolar do referido colégio.

O Colégio de Aplicação CAP-COLUNI traz em sua trajetória inúmeras histórias de sucesso e, dentre os motivos que contribuem para a excelência dessa escola, um dos principais é, sem dúvidas, o fato de o COLUNI manter o melhor desempenho entre as escolas públicas do país nas provas objetivas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Em 2019, considerando as instituições públicas e privadas do Brasil, o Colégio de Aplicação inseriu-se na 11ª posição, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e tabulados pela Folha de S.Paulo. Logo, desde o ensino fundamental, quando o aluno decide prestar o exame de seleção para o COLUNI, suas impressões sobre essa escola deixam de ser neutras.

Para muitos, passar no processo seletivo representa um sonho, de forma que suas relações com os símbolos do colégio são marcadas por expectativas e idealizações: o prisma – que é símbolo do COLUNI - os tijolinhos de cimento vazado, o anfiteatro, o “bandeirão”... (figura 1) tudo isso adquire significado antes mesmo das experiências reais acontecerem no espaço da escola.

Ao ingressarem, de fato, no COLUNI, os alunos iniciam um processo de total imersão na vida nova, em que são apresentados a novas palavras, novos lugares, novas pessoas, além de novas formas de pensar ou refletir sobre diversos assuntos, bem como a novos termos e músicas. Esse fenômeno, apesar de ser comum ao processo de adaptação em qualquer escola, manifesta-se de

maneira mais intensa no COLUNI devido à grande carga de história oral que permeia o dia-a-dia nessa instituição.

Figura 1: “Bandeirão” do COLUNI pendurado no Anfiteatro.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Ao longo da pesquisa para o desenvolvimento deste trabalho, foi possível observar inúmeras particularidades, como a existência de quatro turmas (A, azul; B, vermelha; C, amarela e D, rosa), as quais funcionam como uma “família” que é identificada a partir das cores, das músicas e das tradições que mantêm, bem como o fato da música “Tempo Perdido”, da banda brasileira Legião Urbana que, no COLUNI, manter-se como um hino da escola, que é sempre cantado pelos alunos durante eventos e momentos especiais do ano letivo. Além disso, certos termos compõem um vocabulário único, a exemplo tem-se a palavra “embrião”, que faz referência aos alunos do primeiro ano, bem como a expressão “Melhor Colégio do Mundo”, que é como os estudantes do COLUNI chamam o colégio. Sendo assim, todos esses elementos articulam-se para compor uma identidade que permite que os “embriões” se identifiquem com seus veteranos e sintam-se parte do ecossistema escolar.

Durante o período de integração e autorreconhecimento ocorre, também, a gincana anual, que é considerada um rito de passagem - tanto para os calouros, que agora irão pertencer ao COLUNI, quanto para os estudantes do segundo e terceiro ano, que se deparam com o final de um

ciclo. Assim, os veteranos de cada turma (A, B, C e D) recebem os novos alunos e os colocam em contato com os hinos da escola, as tradições e todas as marcas do grupo identitário do qual eles farão parte. Esse processo dura cerca de 3 semanas e ocorre entre o primeiro dia de aula e a data em que, de fato, ocorrerá a gincana. Nesse momento, os alunos costumam se preocupar menos com os estudos para focar na confraternização e na troca de experiências.

Passados os rituais de início de ano, o *campus* da UFV e o prédio da escola transformaram-se num lugar da vivência para todos os alunos à medida que já estabeleceram os primeiros laços de amizade e estão tomados pelo sentimento de que aquele realmente é o “Melhor Colégio do Mundo”

Então, todos alunos estão envolvidos na construção do COLUNI, um lugar convertido em território e em processo constante de desterritorialização, o qual se converte em um diálogo ininterrupto de vivências (SERPA, 2021) que envolvem emoções, ritos, normas e novas rotinas.

Até o presente momento, já é possível compreender que o espaço do COLUNI é marcado por uma coexistência social muito grande entre os estudantes. Entretanto, cabe expor, com mais detalhes, toda a estrutura e dinâmica do COLUNI. O Colégio surgiu em 1965, sendo implementado como Colégio Universitário, no qual funcionava apenas a terceira série, com função preparatória para o vestibular. Somente em 2001 foi transformado em Colégio de Aplicação com o objetivo de maior integração com os departamentos da UFV. Nesse sentido, apesar de o Colégio possuir prédio próprio, ele localiza-se dentro do Campus da UFV, de forma que os alunos de ensino médio usufruem de espaços comuns aos demais estudantes da UFV (BARBALHO, 2018).

Sendo assim, o COLUNI construiu um perfil diferenciado que conduziu à sua tradição educacional, marcada por uma atmosfera universitária, na qual os estudantes experimentam um modelo caracterizado por mais liberdade e autonomia nos seus estudos. De maneira semelhante, é importante informar que o COLUNI abriga muitos estudantes que provêm de outras localidades e, em muitos casos, saíram pela primeira vez de casa com idades que variam dos 14 aos 16 anos.

A combinação dessas características compõe um modelo no qual os alunos, naturalmente, aproximam-se mais uns dos outros do que se aproximariam em contextos diferentes. Esse fato ocorre, sobretudo, porque a flexibilidade da grade de horários implica numa maior presença dos estudantes no *Campus*. Ainda, o fato de muitos jovens estarem morando sozinhos ou em repúblicas faz com que busquem, em seus pares, uma segunda família. Por tudo isso, a maior parte do tempo é compartilhada com os colegas, possibilitando uma enorme troca de saberes, maior desenvolvimento de habilidades de grupo e tolerância às diferenças. Contudo, se por um lado essa vivência coletiva possibilita experiências mutualmente construtivas, em que um ajuda o outro, ela também contribui para que exista uma enorme competitividade entre os alunos. Esse sentimento se manifesta, por exemplo, nas olimpíadas de conhecimento, esportes e atividades artísticas da escola (GOMES, 2014).

Ademais, para entender a construção do lugar COLUNI, é necessário ter em mente que o colégio conta com inúmeras aulas práticas e atividades que não ocorrem, necessariamente, na sala de aula. Também cabe ressaltar que o contato com o ambiente universitário possibilita maior interação com o mundo acadêmico e a integração a inúmeros espaços e movimentos políticos, sociais e culturais da UFV.

Chegando ao fim do ano no COLUNI, os vestibulares tomam conta da rotina da maior parte dos alunos, inclusive os do primeiro ano – sobretudo em função dos processos seriados, como o PISM, para a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e o PAS, para a Universidade Federal de Lavras (UFLA). Nesse contexto, todas as séries do colégio têm processos seletivos para se preocupar e, conseqüentemente, observa-se uma atmosfera competitiva durante o período. Segundo relatos no grupo focal construído para o desenvolvimento deste trabalho, no fim do ano, a convivência com os colegas é mais intensa no COLUNI. Isso porque alguns alunos ingressam juntos em cursinhos preparatórios e outros se reúnem em grupos de estudos, mas, qualquer que seja a abordagem, de acordo com os estudantes, o incentivo dos amigos é um fator muito importante para que obtenham bons resultados. Passadas essas provas, é comum acontecer alguma festa para comemorar o encerramento do ano letivo, além do tão esperado baile de formatura do terceiro ano. Assim, todos esses fatos e particularidades apresentadas constituem elementos de memórias especiais que, misturadas às emoções e à afetividade, constroem uma escola que não é apenas um espaço banal, no sentido de pertencer ao mundo, mas um lugar que é comum a todos que compartilham essas experiências, tornando-se um espaço de vivência máxima. Abaixo, seguem fotos (figura 2 e 3) do Colégio, que se localiza em Viçosa-MG, no Campus da UFV.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde, em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre uma nova cepa (tipo) de coronavírus. Em pouco tempo, o vírus se espalhou por diversas partes de globo, chegando ao Brasil e causando diversos casos de infecção e morte pela doença. Assim, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, implicando na necessidade de medidas de isolamento social para conter a disseminação do vírus (OPAS,2021). Diante disso, as aulas presenciais foram canceladas em escolas de todo mundo – o que não foi diferente no COLUNI. Em 16 de março de 2020, após o período de integração dos “embriões” do triênio 2020-2022, e às vésperas da primeira semana de provas, as aulas do colégio foram suspensas sem previsão de volta.

Figura 2: Fachada do COLUNI, com o prisma de vidro que é símbolo da escola- arquivo pessoal.



Figura 3: Anfiteatro do Coluni, com os característicos tijolinhos amarelos. Fonte: Arquivo pessoal dos autores.



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

Inicialmente, os alunos acreditavam que voltariam à escola em, no máximo, um mês. Assim, os estudantes que moravam em outras cidades, por exemplo, não se despediram adequadamente de seus amigos e, em muitos casos, sequer levaram roupas suficientes para toda a quarentena.

Depois de abril iniciaram-se as primeiras discussões acerca da implementação do ensino remoto emergencial (ERE) e, apesar de muitos concordarem que esse formato de aprendizagem não se compara ao presencial, a situação exigia soluções rápidas. Após muito debate, as aulas retornaram, *online*, em 17 de agosto de 2020.

Entre a suspensão das aulas e o início das atividades revisionais, os alunos ficaram cerca de 2 meses sem informações sobre como dariam continuidade aos estudos na escola e outros 3 meses contando apenas com atividades remotas. Portanto, quando as aulas voltaram, via Google Meet, em agosto, muitos encontravam-se sem ritmo de estudos e desmotivados para uma experiência *online* do COLUNI. Além disso, para ser possível cumprir toda a carga horária e dar a matéria no tempo certo, cada bimestre passou a concentrar um número maior de conteúdo, o que, segundo os estudantes, gerou sobrecarga.

Diante desse cenário, este trabalho surge de questionamentos acerca do ensino remoto. Como se configura o processo de ensino-aprendizagem neste novo contexto? Qual a mudança detectada pelos educandos neste novo cotidiano e que decorrências ou limitações encontram?

Portanto, iniciar a compreensão desta nova realidade do ponto de vista emocional, diante da não-presença de um espaço físico de aprendizagem, é uma necessidade. A construção de um território (SAQUET, 2010) (entendido aqui como o território de aprendizagem) é vinculada ao poder, mas também está associada às vivências em grupo e de pertencimento a um local, um lugar,

bem como a laços relacionais amplos, quer sejam culturais, quer sejam ambientais, econômicos e solidários. Estes laços são responsáveis por desenvolver valores atrelados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica. Assim, tal grupo recria o espaço onde vive, com o qual se identificam e se sentem pertencer (RAFFESTIN, 1993). Portanto, esta relação de sentimento com o lugar é o que confere significados construídos pela experiência ao território (TUAN, 2013).

Assim, o objetivo deste trabalho, associado às questões levantadas na introdução, é entender, a partir de uma perspectiva emocional da Geografia, como se configurou o processo de ensino-aprendizagem remoto, decorrente da pandemia do novo coronavírus no ano letivo de 2020, pelos alunos do triênio 2019-2021. Busca-se compreender, ainda, quais mudanças podem ser detectadas pelos educandos em seu cotidiano, bem como a ressignificação dos símbolos e das experiências.

A metodologia adotada neste trabalho consistiu na construção de um grupo focal, que se configura como uma técnica qualitativa de coleta de dados, na qual a interação entre um determinado grupo de pessoas promoverá uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico. Nesse caso, foram realizados quatro grupos focais, um por turma, cada um contando com a participação de seis estudantes do triênio 2019-2021 que, no momento do desenvolvimento deste trabalho, estavam cursando o segundo ano do ensino médio. A seleção dessa série para a pesquisa se deu pelo fato de que esses estudantes experimentaram cerca de um ano e dois meses de aula presencial, de forma que ainda guardam inúmeras memórias da escola presencial e encontraram, no ensino remoto, um modelo de aprendizado muito diferente do qual já haviam se acostumado.

A escolha dos alunos para o grupo focal não passou por nenhum outro critério a não ser o de estarem cursando o segundo ano no COLUNI em 2020. Os integrantes se voluntariaram a partir de um convite enviado via WhatsApp a todos do triênio de 2019-2021. As reuniões aconteceram pela plataforma Google Meet, de acordo com a disponibilidade dos voluntários, e duraram, em média, 1h e 20min.

A conversa foi conduzida por uma mediadora, também aluna do triênio, que orientou a reunião com dez perguntas relacionadas ao colégio e às emoções geradas a partir das experiências pessoais dos estudantes, tanto presencialmente quanto em ensino remoto emergencial (ERE). Não houve supervisão de professores ou outras pessoas além do grupo, o que facilitou a comunicação entre os estudantes e permitiu maior expressividade durante os encontros. As reuniões foram gravadas, com a autorização dos estudantes, e em seguida transcritas para uma análise e a posterior construção das reflexões deste texto.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao iniciar a conversa nos grupos focais, a primeira pergunta feita pela mediadora foi sobre qual a relação que os alunos estabeleciam com o colégio enquanto eram apenas um “zigoto” - termo que, no CAP-COLUNI, faz referência aos estudantes que pretendem prestar o exame de seleção. Diante desse questionamento, a maior parte dos participantes mostrou ter algum vínculo emocional com o colégio antes mesmo de serem aprovados no processo seletivo e, para cada um deles, esse sentimento se deu de uma maneira diferente.

Nesse ínterim, alguns expressaram que sempre consideraram a experiência um sonho. E, para muitos desses, essa ideia estabeleceu-se como uma tradição a partir de experiências positivas de familiares, como afirma uma aluna da turma 2A: “Eu sou de Viçosa mesmo, tenho um irmão e dois primos que estudaram lá. Inclusive, fui na formatura do meu irmão e sempre ouvia ele contando as histórias da época dele de COLUNI. Eu achava um lugar mágico e desde o meu quinto ano eu queria entrar lá”.

Para outros, como a aluna da turma do 2C, a vontade de ingressar no COLUNI veio com o cursinho: “Quando conheci o COLUNI, no nono ano, fazendo cursinho, acho que foi criando aquele sentimento de sonho e a gente vai almejando passar”.

Observa-se, portanto, uma multiplicidade de sonhos e desejos em relação à escola, mas, em todos os casos, constata-se que a construção dessa relação não é neutra. O processo de conhecer uma instituição e decidir prestar o exame de seleção não é puramente racional ou, no caso do COLUNI, associado apenas à qualidade do ensino. Ele passa, também, pelas narrativas familiares, impressões, expectativas e todo o desejo que se cria em relação à realização de um sonho. Nesse contexto, portanto, as emoções apresentam-se como geradoras de uma ideia coletiva de que o COLUNI é um espaço que vale a pena conquistar e, futuramente, continuarão a permear todas as relações sociais e espaciais que os alunos estabelecerão no colégio.

Seguindo a conversa, os alunos do triênio 19-21 discutiram sobre como foi a experiência de adaptação ao ingressar no colégio. A partir das respostas, é possível observar que a maior parte deles experimentou, inicialmente, um sentimento de frustração diante de tantas expectativas criadas. Contudo, com o primeiro contato com os veteranos e símbolos da escola, tais como o prisma e as histórias particulares de cada turma, o sentimento se transformou. Para a aluna da 2C de 2020, a aproximação dos colegas transformou a experiência que inicialmente não foi tão agradável em uma das melhores escolhas da vida dela.

No começo foi horrível, eu não sabia que ia ser assim não, era todo mundo desconhecido na sala e eu sempre fui muito apegada às pessoas, sempre criei

rápido esse laço de estar junto... e chegar em outro lugar, com outras pessoas, cada um de um canto, todo mundo com vergonha, foi muito ruim. Mas depois, com o passar do tempo, eu acho que com a gincana, a gente se aproximou muito, eu criei amizades que eu tenho certeza que vou levar para a vida toda. Eu acho que foi a melhor escolha que eu fiz na minha vida.

De maneira semelhante, um aluno da 2B experimentou dificuldade na adaptação, mas, a partir da criação de laços de amizade e do reconhecimento de si como parte da escola, aprendeu a gostar do COLUNI.

Quando eu entrei e teve as primeiras semanas, o primeiro mês... eu acho que nem caiu a ficha, tá ligado? Eu fiquei muito sozinho em casa. Eu ia pra escola, voltava, dormia... mas eu acho que depois foi mais de boa do que eu achei que ia ser, porque a galera, pelo menos do meu triênio, foi bem legal comigo e a gente se enturmou melhor do que muita gente, em qualquer outro lugar, poderia fazer. Então mesmo que tenha sido complicado aprender a ficar sozinho, ou aprender a se virar mesmo, tipo, ter que resolver problema, eu acho que no fim foi tudo positivo, porque eu fiz novas amizades, aprendi coisas novas e eu tomei um pau né, porque é mais difícil do que era aqui. Mas eu acho que a adaptação foi tão legal que hoje eu fico sentindo saudade de todo mundo, toda hora.

Assim, conclui-se que estudar no COLUNI significou, para grande parte dos alunos, a desconstrução de um sonho e a construção de uma nova realidade que, mesmo marcada pelas dificuldades do dia a dia, não deixou de ser especial e cheia de transformações. Todavia, a desconstrução de sonhos não significa a perda, mas, sim, o nascimento de novas emoções que, apesar de diferentes, não são menos positivas ou transformadoras. Esse fato ficou claro a partir da resposta que os alunos deram à pergunta: “Considerando as emoções vivenciadas durante o período presencial, elas foram mais positivas ou negativa?”.

A exemplo, tem-se a seguinte fala de uma estudante da turma 2C:

Eu acho que foi uma pergunta que tocou o coração. Nossa, quando eu falo da gente lá no COLUNI, eu sinto um resgate tão distante, sabe? A gente chegando lá de manhã, podendo dar um abraço... às vezes é um momento difícil que você tá vivendo e você nem tem alguém do seu lado para estar de abraçando. Eu acho que não sei nem explicar como tudo que a gente viveu foi importante para eu me tornar quem eu sou. Eu acho que tipo assim, todas as dificuldades que enfrentei ano passado, seja em qualquer quesito, desde familiar até escolar, eram curadas quando eu chegava perto de vocês e quando eu estava na sala de aula. Era a risada de algum professor, a risada de algum aluno, a gente rindo, a gente chorando, a gente brincando junto! Eu acho que foi a melhor fase da minha vida, sabe? Desde ano passado, até esse ano, eu fui muito feliz em tudo que eu vivi. Até os momentos tristes, eu acho que eles foram importantes para eu ver o quanto as pessoas são importantes para mim. [...] Era tudo muito e foi muito tudo. O presencial foi intenso pra mim. Eu acho que senti as melhores coisas aí, as coisas ruins acho que nem têm importância. Eu levo cada momentinho da gente.

O que se percebe, portanto, é que a saudade é um sentimento comum nos corações dos

alunos do COLUNI, capaz de levar muitos às lágrimas ao lembrarem da escola presencial. Essa saudade latente é resultado de amplas relações de proximidade, de forma que o espaço-vivência da escola também deixa traços na aprendizagem e permite o reconhecimento deste lugar como “o melhor colégio do mundo”.

Além disso, é importante destacar que, nos grupos focais, observou-se, de forma muito frequente, falas como “A minha saúde mental piorou” ou “Sem estar com os amigos, a pressão do COLUNI, somada à pressão do ensino emergencial é muito pior”. Estas referências, que indicam alterações no nível de qualidade de vida cognitiva e emocional, foram dadas como resposta à pergunta: Quais mudanças notadas na sua saúde mental em relação ao ensino presencial e, agora, ao ensino remoto emergencial? O que se constata é que quase a totalidade dos estudantes tiveram uma piora nessa esfera da vida.

A experiência do COLUNI com o ensino remoto emergencial tem sido complicada, tanto para alunos quanto para professores, visto que viver a escola *online* significa um rompimento com tudo o que se pensava sobre educação. Antes da pandemia, o processo de aprendizagem era coletivo e se dava por meio da troca no ambiente de sala de aula. Além disso, a pressão gerada pelas obrigações poderia ser facilmente aliviada por meio da convivência com os amigos. Hoje, o estudo é solitário e não existe mais o prazer em dividir o cotidiano com os colegas. Tudo isso, somado ao contexto assustador, tem gerado piora no estado físico, emocional e social dos alunos, de forma que é extremamente necessário pensar em caminhos para ajudar que educadores e educandos tenham a possibilidade de lidar melhor com questões que envolvam melhorar o bem-estar e a qualidade de vida.

Assim, a dinâmica de estudos sofreu inúmeras alterações durante a pandemia e, cada um à sua maneira, os alunos do COLUNI tentaram manter o ritmo - muitas vezes sem sucesso. A expressão de uma aluna (2C) ao longo dos debates resume o sentimento geral:

É muito difícil manter uma rotina sendo que você está o tempo todo no mesmo lugar, com internet o dia inteiro, não tem também um lugar físico que você olha e fala “Ah aqui tá todo mundo estudando”. Sou eu e eu, sabe? Então não tem muito como se influenciar por outras pessoas, porque às vezes eu chegava na escola e mesmo estando desperta na aula, eu via todo mundo prestando atenção e pensava “Ah, também vou prestar atenção né”. Mas dentro de casa, quando você fica desperto, tem um celular ou alguma outra coisa pra mexer, então é meio complicado focar. Eu sempre tive muito problema com sentar e estudar, então em casa tem sido mais difícil ainda, porque eu tenho irmão pequeno, então tem muito barulho enquanto eles brincam ou brigam. Então tem sido muito mais difícil, inclusive em questão de tempo também, ano passado a gente podia ver as coisas com mais calma, o tempo ficava mais bem dividido e no EAD foi muito corrido. O bimestre tá passando voando! Também tem a questão de que a gente tá acostumado a ter tudo bem dividido: férias, bimestre... e esse ano foi completamente diferente, mas isso não é culpa de ninguém, não é nossa e nem da escola. Mas é difícil

acostumar, tenho sentido muita dificuldade em ter uma rotina de estudos por causa de todos esses fatores, principalmente por estar dentro de casa e estar tão corrido.

Diante dos relatos, percebe-se que estudar, por si mesmo, sem nenhuma companhia, em um contexto de pandemia mundial, e ainda ter que lidar com as particularidades do cotidiano em família é uma tarefa extremamente complicada. Muitos alunos não têm conseguido manter uma rotina de estudos e não sabem, sequer, por onde começar. A realidade é complicada e, tendo em vista que o estudo remoto permanecerá por algum tempo, é necessário pensar em alternativas para evitar que os danos na educação sejam permanentes, e, ainda, refletir sobre como permitir que, mesmo *online*, o sentimento de pertencimento e coletividade, tão importante para o processo de aprendizagem dos adolescentes, esteja presente nas atividades escolares.

No grupo focal foi pedido que os alunos apontassem os aspectos positivos e negativos de ter a experiência *online* do COLUNI. As respostas foram muito parecidas entre si e, em quase todos os casos, os participantes tiveram dificuldade em encontrar algo positivo no ensino remoto emergencial (ERE). O sentimento dos alunos é bem resumido e colocado pelas falas do aluno da 2ª.

Nesse momento acho que o único ponto positivo do EAD é estarmos tendo um, porque se parar para pensar, existe uma boa parte da população que não está tendo nem aula. Mas os alunos não estão conseguindo ficar 100% focados, estamos muito sobrecarregados. E toda essa situação da pandemia desanima mais ainda de tentar estudar ou fazer alguma coisa em prol da nossa educação, porque a essa altura do campeonato já estamos muito atrasados em relação ao que estaríamos aprendendo no presencial. Acho que não tem muito ponto positivo do COLUNI online não, o mais positivo é que nesse momento tão difícil a gente pode ficar nas nossas casas, perto dos pais, mas ao mesmo tempo sempre estamos preocupados com o pessoal do grupo de risco, né? Então no fim tem muito mais ponto negativo, infelizmente. Muita ansiedade, saúde mental foi lá para baixo, rotina muito repetitiva. Todo dia é a mesma coisa e a socialização faz muita falta, tudo isso atrapalha muito o meu rendimento enquanto aluno.

Logo, percebe-se que os estudantes têm tido muita dificuldade em acompanhar os conteúdos no ERE visto que em um contexto de pandemia e isolamento social, se manter focado e com uma boa rotina de estudos não é uma tarefa fácil. Há, neste momento, um turbilhão de sentimentos que os alunos desta geração COLUNI experimentam e que, inevitavelmente, os marcará como jovens adultos e os conduzirá para uma visão diferente do aprendizado, na qual grande parte do Ensino Médio foi vivido *online*, em meio às nuances do Covid-19.

A escola, muito mais do que uma estrutura física onde são ministradas aulas, é um lugar de emoções, no qual o aluno vive grande parte da adolescência e se constrói enquanto indivíduo a partir das trocas com amigos, professores e com o próprio território escolar. Logo, uma boa escola é aquela que permite vivências significativas, onde a lembrança do conteúdo acadêmico é

indissociável das memórias coletivas que o colégio é capaz de abrigar. O ensino à distância, mesmo que em sua melhor versão, não conta com a presença física e calorosa dos professores, ou com os tijolinhos laranjas que se transformaram em sinônimo de casa. Assim, toda a magia que faz com que os alunos considerem o COLUNI o “Melhor Colégio do Mundo” não tem a ver simplesmente com as aprovações ao fim do Ensino Médio, mas com o amor que sentem toda vez que cantam “Tempo Perdido” no anfiteatro.

Eis que no ERE existe, também, toda a convivência no espaço da família, de forma que a rotina escolar precisa ser completamente reconfigurada. Neste cenário interagem as emoções e afetividades que as vivências e seus atores podem estabelecer, bem como novas plataformas e limitações, já que a antiga escola agora se dá por meio remoto.

O que se nota, portanto, é que a escola se constitui como muito mais do que um espaço de construção de conhecimento. O COLUNI era um lugar comum de transmissão de experiências humanas, no qual os alunos viviam e estabeleciam vínculos, amizades, amores e rotinas que estavam intimamente ligadas. Com a pandemia, houve uma ruptura muito grande, sobretudo, em função da necessidade do isolamento social. Ao considerar os alunos do segundo ano, que após o primeiro ano de adaptação, estavam empolgados com a experiência do Ensino Médio, o ERE representou, para eles, uma quebra de expectativas e a perda não só de um tempo letivo, mas de um tempo na vida em conjunto com os amigos.

Diante dessa situação, aprender é mais difícil. Toda a rotina antiga, mesmo que cansativa, era repleta de novidades, aulas que fugiam da abordagem baseada apenas no conteúdo, debates interessantes e uma dinâmica escolar que envolvia, também, a ambientação da sala, a participação dos colegas, além do prazer proporcionado pela existência num lugar comum a todos os amigos e professores.

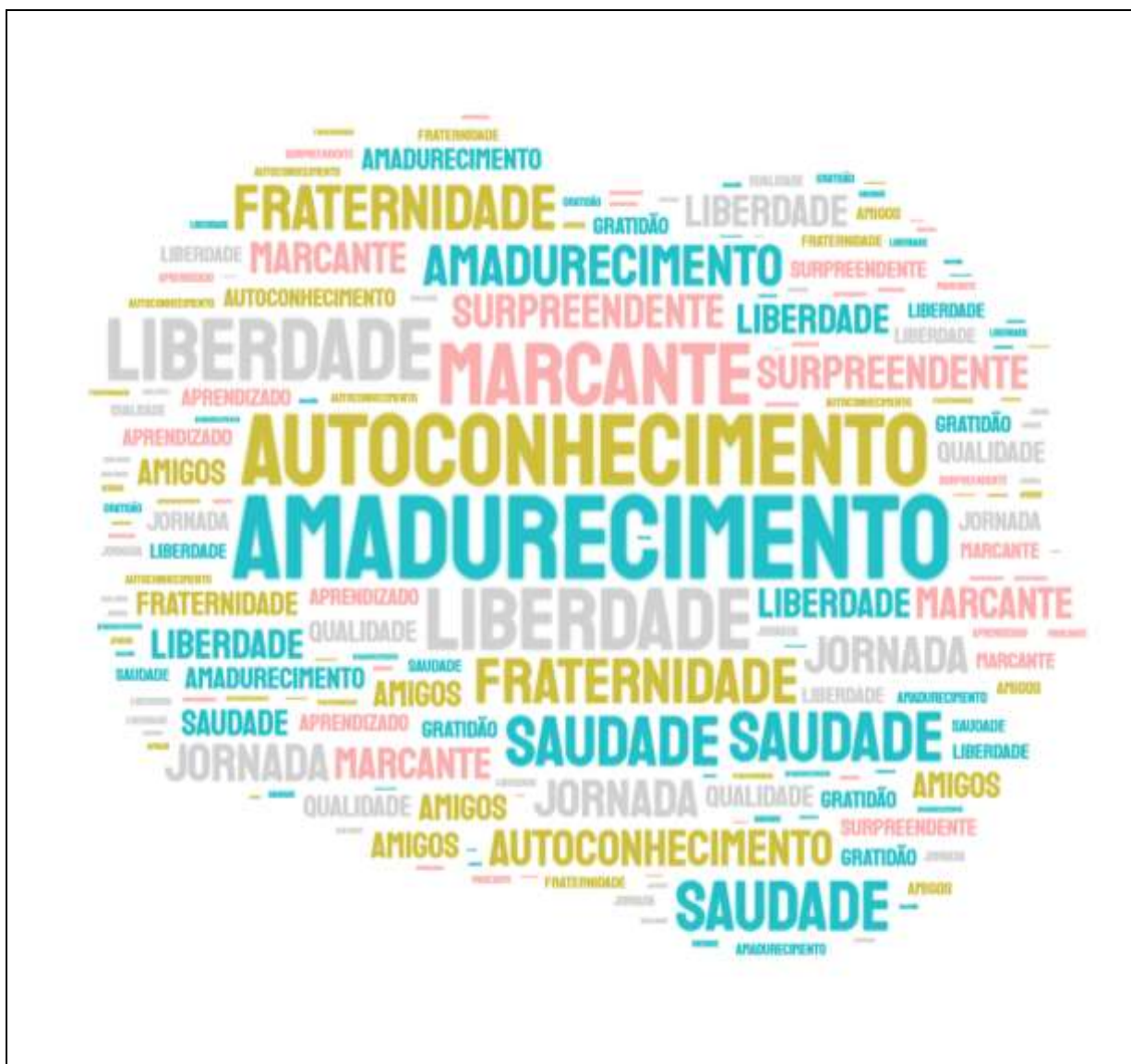
Assim, o ensino remoto emergencial e a consequente perda de tantas partes especiais (que não envolviam apenas o espaço físico da escola, mas também os laços emocionais fundados a partir do sentimento de pertencimento àquele lugar) construíram uma noção menos interessante, em que a monotonia tomou lugar do caráter curioso e coletivo do processo de aprendizagem presencial.

Por fim, no grupo focal, foi pedido que os alunos definissem seus sentimentos em relação ao COLUNI com uma palavra. O mosaico, o Mapa das emoções apresentadas no grupo focal (figura 4) foi feito a partir dessas respostas e leva em consideração a frequência das palavras na formatação da imagem. Esse material consiste em um mapa das emoções do COLUNI.

O que se percebe, portanto, é que as principais palavras usadas pelos alunos são: amadurecimento, autoconhecimento, marcante e saudade. Assim, ao analisar o mapa, é possível refletir sobre o papel da escola na vida dos alunos. Para eles, esse lugar se trata, sobretudo, de um espaço de descobertas, onde se convive com pessoas diferentes e onde se aprende não só a fazer

provas, mas a se colocar no mundo.

Figura 4 – Mapa das emoções apresentadas no grupo focal.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Quando se está no Ensino Médio, o colégio é um lugar onde se travam grande parte dos conflitos pessoais e é, também, o espaço no qual se tem a oportunidade de experimentar para, futuramente, decidir que rumo profissional tomar. Todas essas emoções podem ser sintetizadas na fala da aluna na 2D.

Eu acho que não tenho nem como descrever do que eu sinto mais falta na escola. Porque de lá, eu tenho vários momentos, uma coleção. O COLUNI permitia a gente viver o ensino médio de uma maneira muito livre e muito especial. O contato com os outros lá era muito orgânico, todo mundo estava sempre vivendo junto e se ajudando. E nossa... como eu sinto falta de estar em contato com as pessoas, dos eventos que mexiam com todas as nossas emoções e uniam a gente muito mais. Eu

cresci e amadureci muito estando lá. Todos aqueles eventos artísticos, esportivos, o anfiteatro... era isso que a escola era pra mim – e é o que faz mais falta. Era tipo um sonho que todo mundo vivia junto, mas agora a gente não tem mais nada disso.

Assim, o COLUNI representa um lugar de afeto, de forma que a não-presença física desse espaço significou, também, a não-presença afetiva das emoções que eram travadas na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação propôs um maior entendimento do espaço do CAp-COLUNI como um lugar de vivências, permeado de experiências e símbolos que, para além de seus significados individuais, estão intimamente envolvidos por variadas e intensas formas de emoções próprias da adolescência.

Além disso, buscou compreender de que forma a necessidade de aplicar um ensino remoto emergencial transformou a relação dos estudantes com a escola e alterou o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, foi necessário analisar os relatos dos alunos do triênio 2019-2021 sobre suas experiências vividas no presencial e no ERE.

Diante desse estudo, constatou-se um olhar muito carinhoso dos estudantes para com a escola e professores, uma vez que, analisando-se o espaço do COLUNI, percebe-se que é um lugar marcado pela coletividade e pela liberdade para aprender muito além do que é abordado, tradicionalmente, em sala de aula.

Com a Pandemia, entretanto, os alunos passaram a enfrentar diversas dificuldades: aprendizado individual, impasses do cotidiano familiar, contexto de pandemia e instabilidade política. Este novo cenário, somado à ausência do espaço escolar COLUNI, impõe uma nova forma de aprendizagem, completamente diferente da anterior, mas que ainda sim é indissociável das emoções, de forma que, realimentadas com a realidade imposta, constituem tempos difíceis para o aprender e o ensinar.

Tudo isso reafirma que a escola de excelência e referência na educação é, além de uma estrutura física, uma experiência dotada de símbolos e significados, de forma que a relação dos alunos com a escola não é meramente corpórea ou visual, mas carregada de emoções que são possibilitadas por vivências pessoais e pelo contato com memórias coletivas. Assim, o CAp-Coluni pode ser considerado um lugar que sempre está se (re)territorializando.

Portanto, o processo de ensino-aprendizagem pode vir a ser uma experiência maravilhosa, mas, para isso, é necessária uma abordagem relativizada pelas ações humanas. A forma desenvolvida pelo ensino remoto perde o contato emocional da vivência na escola, bem como o contato dos alunos com seus colegas e professores.

Assim, inevitavelmente, essa geração de estudantes lidará com a perda não só de aulas e de aprendizagem, mas de inúmeras experiências de amizade, amor, autoconhecimento e de juventude que tinham como palco o anfiteatro do COLUNI e como palavras de ordem o “Melhor Colégio do Mundo”

REFERÊNCIAS

BARBALHO, D. de M. O Colégio de Aplicação – CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa: histórias de sucesso (memórias e identidade). 167f, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

GOMES, L. (Org). A fabricação da excelência na escola pública: notas acerca de práticas educacionais e trajetórias escolares de sucesso. **Revista @rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v.2, n.4, p .56. 2014.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. 127 p.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 200 p.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos**. Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2021. 124 p

OPAS, Organização Pan -Americana de Saúde. Histórico da Pandemia COVID-19 <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso agosto de 2021

TUAN, Y-F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013.